

## **A vida como problema; Delfim Santos em diálogo com Ortega y Gasset**

*Life as a problem; Delfim Santos in dialogue with Ortega y Gasset*

*Prof. Dr. José Mauricio de Carvalho (UFSJ – São João del-Rei-MG)*

[mauricio@ufs.edu.br](mailto:mauricio@ufs.edu.br)

*Ac. Marina Madeira (PIBIC/CNPq- UFSJ - São João del-Rei-MG)*

**Resumo:** Este trabalho examina o conceito de vida humana desenvolvido pelo filósofo português Delfim Pinto dos Santos. Procuramos mostrar que suas idéias nascem do diálogo com o raciovitalismo de Ortega y Gasset e com a fenomenologia existencial de Martin Heidegger e Karl Jaspers. Sua análise da aprendizagem, colocada como base integrante do projeto existencial, é seu contributo pessoal mais importante ao tema.

**Palavras-chave:** Existência; Homem; Aprendizagem.

**Abstract:** This article examines the concept of human life developed by the Portuguese philosopher Delfim Pinto dos Santos. We demonstrate that his ideas spring from a dialog with Ortega y Gasset's ratiovitalism e Martin Heidegger and Karl Jaspers's existential phenomenology. His analysis of learning, placed as an integral basis for the existential project constitutes his most important contribution to the theme.

**Key words:** Existence; Man; Learning.

### **I. Considerações iniciais**

A filosofia procurou, desde sua origem na Grécia Antiga, esclarecer o que é o mundo. A vida do homem foi estudada naqueles dias pela relação que tinha com a totalidade do cosmo identificado com o mundo. Esta maneira de pensar foi resumida por Antônio Paim com o nome de perspectiva transcendente e seu conceito básico é a substância. Os tempos modernos mudaram esta perspectiva grega de tratar o mundo. Desde René Descartes (1596-1650) o homem passou a se pensar como realidade íntima, subjetividade, no seio do qual se forma o que se chama mundo. O desafio da reflexão filosófica voltou-se a partir de então para o homem, para sua forma de conhecer e sua maneira de viver em sociedade. Não se queria fazer antropologia, mas entender o que afinal era isto que temos em nossa consciência como sendo real, como aparece para nós isto que chamamos mundo. A meditação contemporânea continua a estudar o homem como um sujeito que conhece e age, mas passou a tratá-lo como um mundo singular. Este foi o

desafio que quase todos os filósofos do último século para cá procuram enfrentar, entender o modo de ser do homem, sua forma de pensar e de agir.

Neste trabalho vamos investigar as contribuições do filósofo português Delfim Pinto dos Santos (1907-1966) para clarear o problema da existência humana. A vida ou existência do homem aparece como problema na meditação de Delfim Santos no final dos anos 20. Ele reconhece que foi o filósofo espanhol José Ortega y Gasset (1883-1955) quem lhe chamou atenção para o assunto. Afirma em *Temas de flagrante atualidade* (1929): “Que a vida é o tema de nosso tempo – como diz Ortega Y Gasset – exigência de radical superação construtiva: compete-nos criar e seguir uma trajetória que eleve a altitude vital de nossa geração” (p. 9). No momento em que pensa o assunto, Delfim Santos está impressionado com o fato de que a existência concreta de cada homem tem nas suas raízes um substrato vital organizado socialmente, estado de coisas que cada geração é desafiada a suplantar. É o que ele diz em *Keyserling* (1930): A vida da criança não deriva do eu, mas do fundo supra-pessoal que o ultrapassa em potência: da concentração de humanidade que cada um de nós tem em si, e todo o renovamento do ser, todo o renascimento só é possível partindo do indiferenciado (p. 22).

A aproximação das idéias de Delfim Santos com as de Ortega y Gasset é explorada de forma mais geral no livro *Filosofia da cultura; Delfim Santos e o pensamento contemporâneo* (1999). Nosso objetivo neste trabalho é mais específico, entender como o filósofo português trata a existência humana. Vamos investigar como Delfim Santos aprofunda e dá um sentido pessoal à reflexão sobre a vida do homem pensada na relação que mantém com o que há a sua volta.

Ortega y Gasset escreveu em *El tema de nuestro tempo* (1923) que a vida é o problema a que os filósofos precisavam se dedicar. A vida é o problema por excelência, não porque não exista nada mais do que ela, mas porque as coisas não existem sem quem as pense. Também não há um eu que sobreviva à parte das coisas. A vida é a vida de cada homem, mas ela se desenvolve em conjunto com o que está entorno ao eu, ele explicou no mencionado livro: “a vida do homem - ou conjunto de fenômenos que integram o indivíduo orgânico - tem uma dimensão transcendente, em que, por assim dizê-lo, sai de si mesma e participa de algo que não é ela, que está mais além dele” (p. 166). É este aspecto que ele

resume na relação que há entre o eu e a circunstância onde eu vivo. O entorno ao eu é constituído de muitos aspectos, mas principalmente de elementos culturais. A vida parece-lhe o problema fundamental porque antecipa e está na raiz dos demais, como esclarece em *la Idea de principio em Leibniz – La evolucion de la teoria deductiva* (1947), ali escreve que “é preciso partir de um fenômeno que seja por si sistema. Este fenômeno sistemático é a vida e, de sua intuição e análise, temos que partir” (p. 273). É da vida que temos que partir para tratar de tudo o mais, não importa se situado no cosmo ou na sociedade.

## **2I. A vida humana acontece no espaço social**

Passa-se um tempo relativamente longo, dez anos, até Delfim Santos decidir aprofundar o assunto sugerido por Ortega y Gasset e que ele mencionou em *Temas de flagrante atualidade*. Quando o faz é para esclarecer que o processo de desenvolvimento pessoal que brota do fundo comum de humanidade exige o encontro do homem com ele mesmo como sugeriam existencialistas como Karl Jaspers (1883-1969), ou pelas atividades lúdicas e respeito ao fenômeno vital como passou a tratar Ortega y Gasset. Ambas as trilhas orientam nossa atenção para a existência humana entendida como um mundo singular, único quando comparado ao dos outros homens, mas situado no espaço social, de onde brota e se afirma como jornada singular. Explica em *Férias* (1940):

No mundo dos nossos dias, em que a atividade febril absorveu homem, este período (férias) serve de antídoto contra o exagero da extroversão que as ocupações exigem, deixam-no livre para exercícios de introversão, ou quando não é capaz disso, para se entregar a novos aspectos da vida, que lhe trazem a sensação de estranho e aumentam suas possibilidades de compreensão. (p. 531).

Delfim Santos acompanha Ortega y Gasset ao voltar os olhos para o espaço em que a vida acontece. “Algumas questões da filosofia orteguiana constituem uma ponte entre os problemas da existência e o universo da cultura” (Carvalho, 1999. p. 68). Este espaço é a sociedade, explica. O homem não vive em grupo por acaso ou acidente, a sociedade é expressão do espírito. Ele diz em *Ensino Clássico? Ensino Moderno?* (1934) que “indivíduo e sociedade são realidades mutuais e reciprocamente implicativas na formação

da pessoa” (p. 396). A realidade da pessoa é a criação espiritual, é viver escolhendo. Ele afirma em *Dialética totalista* (1933) que “pessoa e sociedade não se opõem. Pessoa e não indivíduos porque este não toma conta da intencionalidade característica do vital, da solidariedade do humano e da totalidade do espírito” (p. 38).

A realidade do espírito como expressão do que os homens projetam pela ação de sua inteligência e pelos valores é sugestão da fenomenologia, afirma Delfim Santos em *Problemática fenomenológica de Husserl* (1959):

Ao contrário de todos os sistemas com base no sendo, contingentes e inseguros, a fenomenologia, por meio da consciência transcendental, constitui o fundamento autêntico e absoluto, que dá sentido e empresta significação a todas as regiões do sendo.(p. 305).

No entanto, também neste ponto a coincidência com Ortega y Gasset é grande. O filósofo espanhol afirma em *O tema de nosso tempo* (1923) esta idéia de que o mundo percebido nos aparece como tendo estratos: “Não há cultura sem vida, não há espiritualidade sem vitalidade, no sentido mais terra a terra que se quiser dar a esta palavra. O espiritual não é menos vida nem é mais que o não espiritual” (p. 168).

A vida do homem e suas criações são para Delfim Santos, como para Ortega y Gasset, o problema por excelência da filosofia contemporânea, aquele que merece ser mais seriamente investigado. A justificativa de Delfim Santos, mesmo sustentada pela fenomenologia alemã, está próxima do estilo Ortega y Gasset. Ele a elabora com base nas esferas do real criada pela fenomenologia de Nicolai Hartmann, mas mencionada por Ortega y Gasset na citação acima. O filósofo português asseverou que as camadas de baixo subsistem sem as superiores, mas não o contrário. Esta forma de pensar, como dissemos (1996): “está implícita nas leis da diferença e da liberdade formuladas por Hartmann” (p. 26). Afirma Delfim Santos em *Da Filosofia* (1939): “Não há vida sem matéria e não há consciência sem vida” (p. 255) e completa logo adiante: “A consciência no homem é um suporte e não um coroamento: é a portadora do espírito” (p. 259).

### 3. A vida como problema de nosso tempo

Refletir sobre como construímos nossa singularidade muda em cada momento da história, pois não só o homem muda e é temporal como o é a sociedade em que vive. A realização da existência singular como um projeto vital implica no diálogo com cada tempo e pede novas e diferentes realizações e filosofias. Afinal, os problemas, desafios e valores de uma época não são os mesmos de outra. Explica o filósofo em *Humanismo e Cultura* (1943) que:

A história registra os valores que informam e conformam cada época, mas não pode transpor nenhum deles para outra época, sob pena de perder toda a eficiência imediata e de cair no vício típico ao chamado moralismo sociológico, ou conjunto de fórmulas sem conteúdo e ressonância humana. (p. 341).

Cada período de nossa história possui um perfil, esclarece Delfim Santos, em consonância com pensamento orteguiano, é nele que vai viver. Ele afirma em *A época e o homem* (s/d.): “A época é como uma supra-pessoa histórica que, conservando constante a sua identidade genética apresenta-se a cada geração traços inconfundíveis as sua individualidade” (p. 323).

O desafio central da existência humana é construir um sentido próprio numa sociedade determinada e num momento dado de sua história. A primeira consequência disto é que existência precisa enfrentar períodos de crise social. A crise nasce quando os valores e formas de vida perdem o sentido e evidência que tinham até então para aquela sociedade. Diz o filósofo em *Pensamento e Existência* (1952) que: “Cada época sofre de uma nova espécie de crise e, no plano intelectual, essa crise revela-se predominantemente na reorganização da concepção de mundo que o homem tem de realizar para dar sentido à sua própria existência e à existência dos outros”. (p. 460).

Nos momentos de crise o homem tem que fazer algo novo, algo que responda os desafios que encontra. Precisa mais que em outras ocasiões da história se encontrar, descobrir-se, superar o auto-esquecimento onde a rotina o lança. As implicações da crise na elaboração do projeto vital são muitas, mas nos basta esta, que a crise nasce do afastamento

do homem do seu projeto, ou do auto-esquecimento, como pensa Karl Jaspers (1987) para quem “o auto-esquecimento é presente à condição humana. O homem precisa de se arrancar a si próprio para não se perder no mundo e em hábitos” (p. 110).

Ao pensar a vida como o desafio intelectual de nosso tempo, o filósofo começa a tratá-la como processo, passagem ou mudança. Viver é estar aberto ao futuro, deixar o passado, ou esquecer-se dele. Esquecer-se no sentido de não repeti-lo, de libertar-se de tudo o que o amarra a certas concepções e crenças que ficaram para traz junto com as velhas gerações. Afirma em *Fraternidade* (1946): “O sol é novo em cada dia, disse Heráclito, e cada dia é novo para cada homem, e só é realmente se ele esquecer o anterior” (p. 384). Mudar o passado, esquecer do que se era para ser algo diverso é perigoso, pois como ele afirma no *Comentário ao filme Filho Pródigo* (1950): “Viver a sua própria vida é viver em perigo” (p. 56). Estando a mudança associada ao risco, está nela a raiz da crise mencionada acima, pois o maior risco é o “risco de se perder a si próprio” (*idem*, p. 56), como anunciara Karl Jaspers. Que a vida seja perigosa também o diz Ortega y Gasset em *Ensimismamento e alteração* (1939): “Aproveitemos o ensejo para perceber quanta frivolidade e excessiva afetação vai no famoso imperativo de Nietzsche: Vive em perigo. (...) E isto revela que Nietzsche, apesar de sua genialidade, ignorava que a substância mesma da nossa vida é perigo”. (p. 307).

Existe um outro aspecto do pensamento orteguiano que Delfim Santos explora, o entendimento de que viver é agir. Ele afirma em *Vida e aprendizagem* (1946): “Viver é agir e a ação resultante é sempre dirigida para a conservação da vida própria ou alheia” (p. 443). Este assunto aparece novamente em *Meditação sobre a cultura* (1947) onde afirma: “O homem não está na terra para ser apenas espectador. Tudo exige de sua inteligência e a própria abstenção é ainda ação. É esta uma das regras mais firmes da vida social proveniente do aspecto lúdico da ação em vista de um fim” (p. 397). Como já comentamos, Ortega y Gasset sugere a mesma relação entre viver e agir (2002): “O sentido evidente da razão vital é que ela é o que permite escolher, entre as várias alternativas, o que fazer” (p. 59). Esta é uma conclusão evidente, diz Ortega nas lições que ministrou em 1929 e que foram reunidas no livro *Que é Filosofia* (1959): “Vida é o que somos e o que fazemos” (p. 431). Isto significa, como esclarece Gilberto Kujawski (1986), que: “Minha vida é tarefa,

urgência de operar com as coisas ao meu redor, para as quais eu estou previamente dirigido. Não se resume tanto no que eu faço, como no que tenho que fazer, no meu que fazer” (p. 7). O mesmo autor comenta em outra oportunidade (1994) que Ortega ensina que vida é realidade radical e isto significa que: “A realidade não é coisa e sim o que eu faço com as coisas e o que as coisas fazem comigo. Esse fazer na forma ativa e passiva é o que Ortega chama de executividade, a vida na execução de seu ato (...). Pois a vida me é dada, mas não me é dada feita. Vida é que fazer” (p. 53).

Logo, Delfim está próximo de Ortega quando diz que mesmo quando não fazemos aparentemente nada também estamos agindo. O fundamental é o que fazer não uma ação qualquer, o que eu tenho mesmo que fazer como um imperativo que brota de minhas exigências mais íntimas.

É curioso que Delfim Santos considere que a vida mais intensa é a experimentada na tranquilidade das vilas do interior do país. Em 1946 escreve *Aldeia* onde afirma: “A vida repousante da aldeia, calma, farta, cheia de paz e amor, próxima da natureza, saudavelmente bucólica, onde vibram sentimentos fortes, primitivos mas sinceros, é talvez quadro sugestivo para algumas páginas de romance” (p. 389). Ortega trata a vida de cada qual como algo singular. A intensidade depende então menos do lugar onde se vive do que do respeito à própria vocação. A vocação diz Ortega y Gasset em *Sobre las carreiras* (1934-1935) é “um modo de viver de certos homens” (p. 174) que são fiéis a suas determinações íntimas. Nisto há uma diferença entre os pensadores. Delfim Santos sugere que os projetos vitais singularizam as pessoas, mas que executá-los é mais fácil na tranquilidade da vida no interior.

#### **4. A aprendizagem e a vida**

A existência humana pensada como problema filosófico ganha qualidade e um sentido pessoal quando Delfim Santos a aproxima do ato de aprender. A questão ultrapassa o processo escolar, a vida humana tem na aprendizagem um aspecto fundamental, entende o filósofo. Ele afirma em *Temática da formação humana* (1961) que “vida é aprendizagem e tudo começa com o exercício da apreensão e da apreensão” (p. 251). Este forma de enxergar a aprendizagem se repete em *Fundamentação existencial da pedagogia* (1946),

onde afirma: “Viver é aprender, aprender é viver” (p. 6). O homem é um ser que se faz afirma Delfim Santos acompanhando as lições do existencialismo e do raciovitalismo e suas escolhas dependem dos elementos culturais que ele apreende. Diz o filósofo em *Formação escolar e formação profissional* (1951): “o homem, ao contrário de muitas espécies animais, não nasce pronto, tem de se fazer e também de conquistar um meio em que a vida se lhe torne possível” (p. 94). Para se fazer ele precisa alterar o meio de modo a tornar a vida possível. Isto se refere tanto a descoberta de novos conhecimentos e valores para mudar a vida social, quanto da superação daqueles desafios próprios do seu projeto de vida, não importa o que isto implica: profissionalizar-se, casar-se, ter filhos, compor uma música, plantar um jardim, etc. A compreensão da aprendizagem como definidora da vida é feita no espírito do que ensinou Ortega y Gasset quando explicou que o homem vive numa circunstância e se não for capaz de superar o que nela o impede de realizar o seu projeto vital, acaba sucumbindo na circunstância. Este aspecto nuclear da filosofia orteguiana foi apresentado no início de sua reflexão em *Meditações do Quixote* (1914): “Eu sou eu e minha circunstância, e se não salvo ela não me salvo eu” (p. 322). Este aspecto do raciovitalismo orteguiano, Delfim Santos o expressa de modo todo seu em *Técnica, fundamento da cultura* (1965):

O homem é o único ser vivo que não encontra meio adequado, ao contrário do que acontece ao animal; mas que, criando um meio que não lhe é dado, a si próprio se cria estruturando novas formas artificiais de comunicação, de comunhão, de habitação, de alimentação e de correspondentes modos de atividade lúdica. (p. 496).

A aprendizagem é o instrumento de mudança para a realização do projeto vital. Todo homem muda na expectativa de realizar o que projeta, o que ele não está certo que consiga. Afirma o pensador em *Fundamentação existencial da pedagogia* (1946) que viver “é deixar de ser a cada momento o que plenamente ainda se não é, mas que é necessário abandonar para ser o que talvez nunca se será” (p. 499). Portanto deixa-se incompleto um modo de ser que certamente nunca se completará.

A realização do projeto vital depende das escolhas que faz e há um aspecto da aprendizagem que está próximo das opções que se faz. Disse o filósofo em *Temática da formação humana* (1961) “viver exige aprendizagem e aprendizagem é opção ou manifestação de interesse por certos caminhos e desinteresse por outros” (p. 254). A opção se revela na escolha do que aprender, já que não se pode tudo querer.

Delfim enxerga, como Ortega y Gasset, viver como expressão de um projeto vital, mas dá-lhe uma linguagem mais existencialista. Existir implica em projeto e inclui outras coisas mais, o estar aí no mundo como fato primário e estrutural da existência, como diz em *Pedagogia como ciência autônoma* (1949): “O homem não aprende apenas para viver, mas para existir e existir não é apenas viver. A noção de existência é o ponto de partida da pedagogia. Existir é estar-no-mundo” (p. 53). Ao colocar a aprendizagem na raiz do existir e empregar a expressão heideggeriana estar-no-mundo, nosso filósofo acredita aproximar os elementos da analítica existencial de Heidegger do conceito de vida orteguiano. Estes elementos se expressam na tríplice estrutura do cuidado: o homem vive diante de si, nasce num certo momento do passado e encontra-se entre outros seres. Este entendimento reaparece em *Medicina e caracteriologia* (1955) onde o filósofo refere-se ao entendimento mental do mundo como experiência vivida como lhes chama Karl Jaspers.

A aproximação de Delfim Santos com o existencialismo de Karl Jaspers também se mostra na impossibilidade do existente objetivar todo o real, fazendo cada um do seu modo. Jaspers considera que não se pode objetivar tudo o que há e que cada qual o faz do seu modo, pensando a realidade a partir do englobante, tudo isto que não se objetiva. Afirma Karl Jaspers em *Iniciação Filosófica* (1987): “Parece evidente que o ser na sua totalidade não pode ser objeto nem sujeito; terá que ser o englobante, que nesta cisão se manifesta” (p. 29). Delfim Santos, por sua vez, afirma em *Fundamentação existencial da pedagogia* (1946) que: “O mundo tomado como objeto não é idêntico para todos, antes cada indivíduo objetiva parte dele” (p. 456). Ele realça a compreensão única e singular que cada sujeito faz do mundo.

## **5. Considerações finais**

As reflexões de Delfim Santos sobre a vida do homem nascem da provocação estabelecida por Ortega y Gasset e se desenvolvem no diálogo com Heidegger e Jaspers, os dois mais importantes representantes do existencialismo alemão.

Delfim Santos percebeu que não há divergências insuperáveis no tratamento da existência humana concebido pela fenomenologia existencial e as feitas pelo raciovitalismo. O filósofo português se afastará do raciovitalismo e do existencialismo ao construir uma meditação singular, mas se posicionará entre estas escolas quando o assunto é a existência do homem.

Ao tratar a existência como o tema de evidente atualidade, Delfim Santos antecipa a direção que Miguel Reale dará à sua filosofia culturalista, pensar a intimidade e o projeto pessoal no seio de uma cultura pensada como expressão de valores objetivados. Este é um problema que Reale deixou inconcluso e que pode ser resumido como o fizemos em *O Homem e a Filosofia* (2007) do seguinte modo: “A meditação sobre o homem precisa considerar que ele cria e absorve cultura, mas o faz segundo exigências existenciais” (p. 43).

O toque pessoal que Delfim Santos dá ao tema é a forma da aproximação entre existencialistas e raciovitalistas. Além disto, usa o conceito de aprendizagem como elemento nuclear da tarefa que o homem tem de inventar o que vai ser. Apareço como existente no mundo, não escolhi o que encontro a minha volta e esta situação é a base para construir minha existência. O que aprendo é a matéria prima do meu projeto, pois ela está na raiz do que faço. Outros seres nada aprendem e continuam a ser o que são. Com o homem é diferente, ele aprende e usa tudo que aprende para escolher o que e quem vai ser.

Muitas dificuldades da geração de Delfim Santos permanecem ainda em nossos dias, críticas ao humanismo, violência e intolerância política, são exemplos delas. O filósofo português construiu uma resposta para elas.

#### **Referências:**

CARVALHO, J. Maurício de. *A idéia de filosofia em Delfim Santos*. Londrina: EDUEL, 1996.

\_\_\_\_\_. *Filosofia da cultura, Delfim Santos e o pensamento contemporâneo*. Porto Alegre: EDICPURS, 1999.

\_\_\_\_\_. *Introdução à filosofia da razão vital de Ortega y Gasset*. Londrina: Cefil, 2002.

\_\_\_\_\_. *O Homem e a Filosofia*. 2. ed., Porto Alegre: EDIPUCRS, 2007.

JASPERS, Karl. *Iniciação Filosófica*. Lisboa: Guimarães, 1987.

KUJAWSKI, Gilberto de Melo. *Ortega y Gasset, a aventura da razão*. São Paulo: Moderna, 1994.

\_\_\_\_\_. *Viver é perigoso*. São Paulo: GDR, 1986.

ORTEGA Y GASSET, José. *El tema de nuestro tiempo*. Obras completas. v. III, Madrid: Alianza, 2ª reimpresión, 1994.

\_\_\_\_\_. *Ensimesamiento y alteracion*. Obras completas. v. V, Madrid: Alianza, 2ª reimpresión, 1994.

\_\_\_\_\_. *La Idea de principio em Leibniz y la evolucion de la teoria dedutiva*. Obras completas. v. VIII, Madrid: Alianza, 2ª reimpresión, 1994.

\_\_\_\_\_. *Meditações de Quixote*. Obras completas. v. I, Madrid: Alianza, 1994.

\_\_\_\_\_. *Qué és Filosofia*. Obras completas. v. VII, Madrid: Alianza, 2ª reimpresión, 1994.

SANTOS, Delfim. *A época e o homem*. Obras completas. v. III, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Aldeia*. Obras completas. v. III, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Comentário ao Filme Filho Pródigo*. Obras completas. v. III, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Da Filosofia*. Obras completas. v. I, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Dialética totalista*. Obras completas. v. I, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Ensino clássico? Ensino moderno?* Obras completas. v. II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Férias*. Obras completas. v. II, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Formação escolar e formação profissional*. Obras completas. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Fraternidade*. Obras completas. v. III, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Fundamentação existencial da pedagogia*. Obras completas. v. II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Humanismo e cultura*. Obras completas. v. III, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Pedagogia como ciência autônoma*. Obras completas. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Pensamento e existência*. Obras completas. v. III, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Problemática fenomenológica de Husserl*. Obras completas. v. I, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Técnica, fundamento da cultura*. Obras completas. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Temas de flagrante atualidade*. Obras completas. v. I, Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Temática da formação humana*. Obras completas. v. III. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

\_\_\_\_\_. *Vida e aprendizagem*. Obras completas. v. II. Lisboa: Calouste Gulbenkian, 1982.

Data de registro: 13/10/2008

Data de aceite: 07/05/2009